

A literatura oral como representação da cultura nordestina: o poeta João Batista e a teoria do Neocordel¹

Emanuele de Freitas Bazílio²

Adriano Lopes Gomes³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Neste artigo dissertaremos sobre a literatura oral, o cordel e a teoria do neocordel. Sendo está última tendo sido criada pelo poeta popular João Batista Campos, o qual está perfilado neste trabalho. Também será ressaltada a importância cultural do contador de histórias e do cordel no contexto da representação da cultura nordestina. Este artigo traz consigo a descoberta de uma nova teoria da literatura oral: o neocordel, sobre o qual explicaremos. Além de compor explicações pertinentes em relação a folkcomunicação.

PALAVRAS-CHAVE: cultura; folkcomunicação; literatura oral; neocordel.

INTRODUÇÃO

Nascido em 1942, no município de Ceará Mirim, estado do Rio Grande do Norte, João Batista Campos de Farias, filho de Suzana Fernandes Farias e Augusto Rodrigues de Farias, é poeta, cordelista e criador da teoria do Neocordel. João Batista, como é conhecido, se criou nas Rocas, importante bairro histórico da cidade de Natal que carrega um passado de poesia e noites da boemia potiguar. Segundo ele, o bairro das Rocas lhe deu o gosto pela poesia, foi nas ruas e histórias da formação do lugar que ele tirou a inspiração para os seus versos. E lá ele viveu até os 21 anos de idade.

O poeta passou décadas de sua vida morando no Rio de Janeiro, onde constituiu família e viveu anos de felicidade. Nos seus cordéis, ele exalta a natureza, a beleza feminina, o romantismo e principalmente a educação. Criou o Neocordel, citado acima, porque viu a necessidade da existência de cordéis que respeitem a sociedade, a mulher, os direitos humanos e as regras da ortografia vigente.

Aos 74 anos, o cordelista levanta a bandeira da cultura popular e da teoria do Neocordel por onde passa. Nas palavras de João, “a literatura de Neocordel tem algo mais importante do

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Graduanda do 8º período do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da UFRN. Email: manufreitass2@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Doutor, com pós-doutorado pela Universidade de Lisboa, professor do Departamento de Comunicação Social, e-mail: adrianoufrn@gmail.com

que normas, regras, métricas, temas vulgares e tradicionais. Respeita os valores humanos, eleva a autoestima, estimula a leitura, alimenta o saber e a ética”.

A literatura do cordel é uma das principais representações culturais do Nordeste brasileiro, sendo também um gênero literário popular, o folheto, que é escrito de forma rimada e em sua estrutura temos relatos das histórias e costumes nordestinos. Segundo Souza (2004:233), “a literatura de cordel tem sua gênese assinalada pela divulgação dos romances, novelas de cavalaria, relatos heroicos e de viagens do povo de Portugal”. Era utilizada como representação de elementos necessários da região e da cultura onde viviam os povos que não tinham acesso ao aprendizado da leitura.

Depois de um tempo, a literatura de cordel passou a ser escrita em folhetos e registradas na história escrita. O cordel é um gênero popular que tem grande representação no Nordeste do Brasil. Estando ele presente em feiras e festas populares e mantendo uma estreita relação com os cantadores de violas e repentistas.

Já o Neocordel é apresentado nas palestras ministrados por Batista – segundo ele, já foram mais de 400 – em escolas do públicas e particulares de todo Brasil como sendo um novo estilo literário. Nesse artigo, dissertaremos sobre essa questão e abordaremos o artista como contador de histórias, trazendo trechos de seus cordéis para justificar o Neocordel.

A teoria da folkcomunicação, que será utilizada para justificar a pesquisa, defende a ideia de que representantes da cultura, como o poeta João Batista e tantos outros, desempenham um papel fundamental na comunicação. Eles são agentes folkcomunicacionais e representam socialmente os anseios da população, sendo a voz do povo na mídia. E são esses indivíduos que representam as massas populares que são excluídas do processo civilizatório.

METODOLOGIA

Para realização e elaboração desse artigo utilizamos duas metodologias diferentes. Uma delas é a folkcomunicação, que segundo Luiz Beltrão, caracteriza-se como uma disciplina científica dedicada ao estudo dos agentes populares de informação de fatos e expressão de ideias. Estes representam socialmente suas comunidades e lugares onde vivem, tornando-se porta voz dos anseios e angústia do povo. Para que se entenda um pouco mais sobre esse método:

Se o folclore compreende formas interpessoais ou grupais de manifestação cultural protagonizadas pelas classes subalternas, a folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar, em linguagem popular, mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural. (BELTRÃO, 2004, p 11).

Ainda sobre a folkcomunicação, é de extrema importância ressaltar o binômio comunicação/folclore. Esses dois aliados são capazes de propagar informações e conhecimentos inestimáveis. Esta ciência que defende a tese de interpretar o sentido da manifestação folclórica, tratando-a não apenas como uma tradição de cada povo, mas como força de um conteúdo crítico emitido por cada agente cultural.

Na metodologia folkcomunicacional faz-se a análise dos textos simples e de teor cultural, mas que representam uma exposição dos pleitos de cada comunidade, rural ou urbana, as quais são marginalizadas socialmente pela mídia massiva, tendo isso – essa divisão de classe e marginalização de parcelas populacionais – sido imposta por um processo civilizatório dominante e excludente. Beltrão (2004), caracteriza essa análise como “Análise das mensagens profundas contidas nos aparentes ingênuos textos, falas, artefatos, práticas, ritos e movimentos emitidos pelo povo por meio dos únicos canais a que tem acesso livre” (p. 92).

Buscamos com esse discurso analisar: a literatura oral, como principal ferramenta utilizada pelos líderes de opinião – que também são agentes comunicadores – para reverberar os ideais e princípios de suas respectivas culturas e costumes; a teoria do neocordel, criada pelo poeta João Batista Campos; e a vida desse significativo agente do sistema folkcomunicacional.

Nessa teoria, é defendida a ideia de considerá-la não apenas por sua beleza em estudar as manifestações culturais, mas por enfatizar o poder que existe nessa comunicação artesanal e horizontal. A pesquisa em folkcomunicação tem suas características e estudos voltados para a análise desses discursos e representações que são passados por meio dos artistas populares. Podemos registrar que,

A pesquisa em folkcomunicação é, sempre, a procura do que é dito numa metalinguagem (oral, gráfica, musical, icônica ou cinética), na qual as maneiras de expressar-se, como os tropos (metáforas e metonímias), os recursos de construção (elipses, pleonasmos, reticências, sínquises e anáforas) e as figuras pensamento (à semelhança dos paradoxos, antíteses e eufemismos, preterições, alusões e antífrases da comunicação verbal) devem ser

rigorosamente examinadas como partes importantes na decodificação do discurso como um todo. (BELTRÃO, 2004, p. 94)

A outra metodologia é a análise de conteúdo, a qual caracteriza-se como um conjunto de técnicas que ponderam as comunicações e decodificam elementos textuais ou temáticos de uma determinada obra. De acordo com Laurence Bardin, esse tipo de análise abre um leque de possibilidades de avaliações textuais ou temáticas. Essa ciência contribui relevantemente com o estudo das comunicações, visto que trabalha em cima do discurso. Justifica-se pelas palavras de Bardin que, “qualquer comunicação, isto é, qualquer transporte de significações de um emissor para um receptor controlado ou não por este, deveria por ser escrito, decifrado pelas técnicas de análise de conteúdo” (1977, p. 32).

A utilização desse processo científico é feita por meio de apreciação e crítica de elementos textuais, como fizemos com o texto do livreto “Verbo amar”, descrevemos uma das partes para decodificar o que estava sendo dito e ressaltar a estrutura do neocordel. Esse diagnóstico final leva a inferências específicas do comportamento, visão e ideais do locutor, que nesse caso é cordelista João Batista.

Aplicamos então, a análise de conteúdo qualitativa, visto que extraímos uma porção de um dos cordéis do artista para análise do corpus. Mas, a análise qualitativa não exclui a quantitativa, só não a usa de forma frequencial, podendo utilizá-la quando há temas parecidos em discursos diferentes. Bardin (1977), evidencia que:

Em conclusão, pode-se dizer que o que caracteriza a análise qualitativa é o fato de a análise – sempre que é realizada – ser fundamentada na presença do índice (tema, palavra, personagem, etc.), e não sobre a frequência da sua aparição, em cada comunicação individual. (BARDIN, 1977, p. 116)

Vimos, portanto, a importância do uso e disseminação desses dois métodos de estudo dos discursos comunicacionais para a perpetuação e reverberação da cultura nordestina e seus mais variados códigos linguísticos. Ressaltando sempre a existência de agentes culturais que ainda lutam pelas manifestações culturais não só do Nordeste, mas de todas as regiões do país.

DESENVOLVIMENTO

Literatura oral: aspectos conceituais e históricos

A comunicação no início da existência humana na terra se dava por meio das pinturas rupestres. Eram em tintas, cavernas e pedras em que eles exprimiam a vida, cultura e história do povo pré-histórico. Foram anos de grunhidos e descobertas do mundo que a cada dia se mostrava novo para eles. Mas então, surge a oralidade e com ela a literatura oral, que representa a cultura do povo de forma oral.

Com o passar dos anos, os povos menos abastados que viviam à margem da sociedade foram criando formas de divertir-se e representar-se socialmente. Dessa forma, a literatura oral vem desenvolvendo um importante papel de socialização histórico-cultural. Uns dos principais representantes da literatura oral são os trovadores.

Os trovadores eram poetas populares que passavam de vila em vila, de praças em praças, onde tivesse povo para ouvi-los falar eles estariam representando sua cultura por meio da literatura oral. Entende-se por literatura oral, segundo o francês Paul Sebilliot, “toda manifestação destinada ao povo através da oralidade, acreditando ser um elemento de substituição da literatura erudita para um povo que não lê (apud CASCUDO, 1984, p. 23). Esta distinção feita por Sebilliot teve como objetivo destacar que o ato de ler naquela época era voltado para classe erudita que possuíam acesso à leitura, por exemplo.

Almeida (1996) também usa do mesmo pressuposto quando cita:

A literatura oral é a literatura de gente primitiva e do povo. São formas poéticas, narrativas, provérbios, frases feitas, avinhas, trava-línguas, anedotas, etc., cuja divulgação não se faz por forma escrita ou impressa, mas se passa de boca em boca e se conserva na memória (ALMEIDA, 1996, p.155).

Podemos dizer que esses poetas foram os comunicadores sociais da época, aproximando-se do papel que é exercido pela mídia. Em relação a todas as possibilidades que tais poetas populares possuíam, interessa-nos a de contar histórias. O contador de histórias é “aquele que conta, grosso modo, um conto” (GOMES, 2003, p. 18).

João Batista Campos, poeta criador do neocordel, é um representante da cultura por meio de seus cordéis. Mas, também pode ser considerado como contador de histórias, visto que ele não apenas escreve, mas também comunica por meio de palestras e contação de histórias e aspectos da cultura nordestina. Ele representa alguém que diverte, informa, promove a cultura, aguça a percepção estética de quem ouve e, face a tudo isso, estimula a formação de leitores.

O papel da literatura oral na sociedade é de alta relevância. Segundo Sisto (1994), “contar histórias hoje significa salvar o mundo imaginário” (p. 150). Mas a oralidade vem enfrentando diversos desafios. O império da imagem nas televisões, computadores, jogos eletrônicos e meios de comunicação audiovisual determinam a concorrência notória com a expressividade da voz e fluência linguística, com a capacidade de elaboração mental. Não queremos aqui subestimar os importantes avanços tecnológicos, apenas afirmamos que esta é uma realidade e que aos poucos vem substituindo a presença do contador de histórias no seio das sociedades.

Folkcomunicação: João Batista como agente folkcomunicacional

A folkcomunicação estuda agentes comunicadores os quais representam suas cidades, povoados, vilas, comunidades e que defendem os ideais e a cultura popular de seus lugares. As manifestações culturais são resultado de um processo de comunicação interpessoal e são passadas ao longo dos anos por esses representantes da história e da cultura oral de cada povo. Para que se entenda o conceito de folkcomunicação, vale ressaltar:

A folkcomunicação é, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitida em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa. (BELTRÃO, 1980, p. 28).

Os contadores de histórias, como João Batista, foram e são os comunicadores sociais das classes excluídas, marginalizadas da sociedade. Eles são porta-voz do povo, dos anseios, das angústias, dos sonhos e desejos que cercam a vida de pessoas que não possuem acesso à mídia, por exemplo. E que, além disso, se sentem a margem da sociedade por causa de uma mídia excludente que não dá espaço as camadas mais populares. Sobre isso, Beltrão (1980) defende,

A folkcomunicação preenche o hiato, quando não o vazio, não só da informação jornalística como de todas as demais funções da comunicação: educação, promoção e diversão, refletindo o viver, o querer e o sonhar das massas populares excluídas por diversas razões e circunstâncias do processo civilizatório, e exprimindo-se em linguagem e códigos (...) (BELTRÃO, 1980, p. 26).

É nesse vazio, citado por Beltrão, que os agentes desenvolvem seu papel social. No caso do Neocordel o processo se dá pela contação de histórias, tanto na literatura escrita quanto oral. Dessa forma, em cada livreto de cordel criado por um cordelista estão impressões e representações sócias do povo na comunicação. A informação é passada da população para o agente comunicador, que a transforma em manifestação cultural, e dele para as demais camadas da população, tornando-se dessa forma líderes de opinião. Vejamos,

A identificação do líder de opinião como agente-comunicador do sistema de folkcomunicação foi o ponto de partida do trabalho desenvolvido por quantos se dedicaram à busca e análise dos agentes e usuários do processo, da modalidade e dos feitos da grande corrente paralela de mensagens que permitirá o conhecimento das expressões do conhecimento popular, do seu intercâmbio de ideias e, afinal, das tentativas de convivência, quando não da integração, entre grupos fundamente distanciados. (BELTRÃO, 1980, pag. 31).

Há uma importância e necessidade de se registrar a história e obra desses agentes culturais para que as tradições do povo não se percam no mundo tecnológico. Reforçamos aqui a ideia de perpetuar e incentivar a literatura oral como meio de comunicação das classes menos favorecidas. Os cantos, repentes e a literatura de cordel, seja ela escrita ou falada, são representações de alta relevância para a cultura de um país. É dessa forma que guardamos a importância cultural de cada comunidade, cidade, povoado, vila, bairro, etc., do nosso país.

Por meio da folkcomunicação, podemos entender um amplo campo de estudo a qual se destina. São poetas, músicos, artistas populares que estão à margem, mas que representam suas comunidades como ativistas da cultura popular nordestina. Para entender melhor,

Seu objeto de estudo situa-se na fronteira entre o folclore (resgate e interpretação da cultura popular) e a comunicação de massa (difusão industrial de símbolos por meios mecânicos ou eletrônicos destinados a audiências amplas, anônimas e heterogêneas). (BELTRÃO, 2004, p 11).

Com isso, observamos que por meio dela podemos entender a relação entre a cultura e a comunicação de massa. Que ambas estão ligadas por meio da ação e repercussão desses agentes culturais, que além de poetas são militantes culturais e defendem o legado do folclore, tendo como objetivo não deixar morrer essas representações e manifestações culturais de cada povo.

O neocordel e sua estrutura linguística: a análise do *corpus*.

O neocordel, segundo Batista, surgiu no ano de 2006, quando inconformado com a falta de cuidado linguístico em escrever cordéis começou a escrever suas obras. Que tem como principal característica não seguir as normas e regras do cordel tradicional. De acordo com ele, “criar poesia com liberdade”. Outro fator relevante é a métrica de seus cordéis, que foge da ideia central dos demais cordelistas e segue a linha de pensamento da teoria, defendendo a ideia de versos livres para compor seus folhetos.

Segundo João Batista Campos, criador e defensor do neocordel, a diferença entre o cordel convencional e o neocordel está ligada ao respeito aos direitos humanos, a autoestima de cada indivíduo, ao estímulo a leitura e função educacional que possui. Estando essa última inerente a estrutura e temática de seus cordéis. Dado que, a obra dele parte do pressuposto de gerar conteúdo educativo que abranjam o apoio pedagógico e didático de escolas no ensino e incentivo da leitura. Para João Batista, seus cordéis devem “respeitar e terem zelo pela língua portuguesa”.



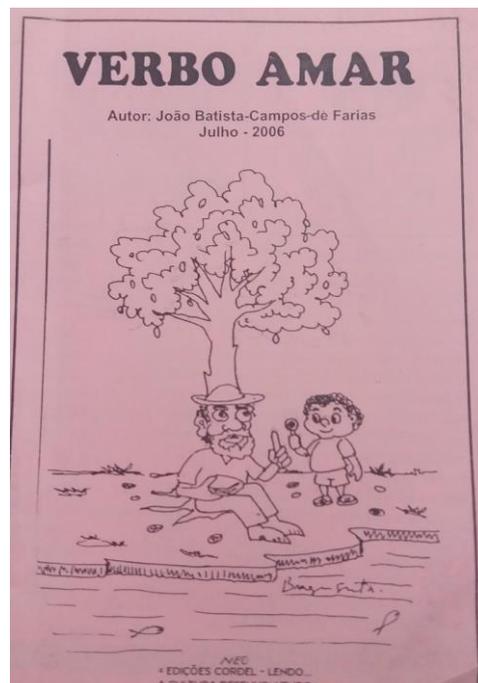
João Batista, criador da teoria do neocordel.

A teoria do neocordel também produziu – conforme dito e defendido pelo poeta – as primeiras obras de literatura de neocordel infanto-juvenis. Inserindo, desse modo, crianças e adolescentes na cultura popular de forma educativa e responsável. Estimulando bons hábitos de leitura e aprendizado utilizando a cultura nordestina para o ensino.

Com 280 títulos de cordéis lançados, a teoria do neocordel vem sendo apresentada em instituições de ensino de todo país, levando a crianças, adolescentes e adultos um pouco de cultura popular e incentivo a preservação dela, visto que, uma das principais bandeiras da teoria é a questão da leitura. O poeta, inventor do neocordel, sustenta a ideia de que o povo brasileiro precisa desse incentivo, pois estão acostumados ao hábito de ler pouco.

O termo neocordel, vem de *neo* que significa novo e, em conformidade ao que foi dito pelo criador, tem a finalidade criativa de envolver a evolução e o progresso cultural, valorizando a essência linguística, a riqueza do nosso idioma, ambicionando o enriquecimento do vocabulário do leitor, seja ele um simples curioso ou um estudante carente de novos saberes.

Um de seus livretos “Verbo amar” tem uma característica singular em relação as demais obras deste poeta. Nele, o autor usa demasiadamente o verbo “amar”, conseguindo unir a rima ao ensino de todas as possíveis conjugações verbais da palavra. Nele, perceberemos o que foi dito acima, em relação ao enriquecimento do vocabulário e da rebuscada forma de escrever, característica marcante do cordelista. Vejamos,



Parte extraída do cordel “Verbo amar”, João Batista Campos.

“(…)

Absorvi exemplos e aprendi

O sentido do verbo AMAR

Na velhice não esqueci

Essa virtude milenar

Quando mais a gente AMA

Mais o amor inflama

A alma vive a se iluminar

Meu pai sempre recitava

Minha mãe correspondia

O verbo AMAR se conjugava

Do raiar ao anoitecer o dia

Eu AMO; tu AMAS; ele/a AMA

Aqui ninguém nada reclama

Tudo é paz e alegria!

Vinha o dia seguinte

Repetia-se o belo recital

Cada filho era ouvinte

Daquele lindo coral

Nós AMAMOS; vós AMAIS

O amor formava mananciais

Nosso lar tinha festival

Diga, eu AMO é muito forte

Se tu AMAS é mais lindo

AMAR e ser amado, é sorte?

Ou o amor está sumindo?

Se ele/ela também AMA

O amor será eterna chama

Quem AMA é bem-vindo

Eu AMAREI é futuro

Eu AMEI ficou no passado
Quando você AMA vive seguro
Realiza-se sendo amado
No imperativo, nos AMEMOS
Para sempre, AMAREMOS
Quem não AMA é desprezado

Sabe filho, o subjuntivo?
Ah! Se eu AMASSE!
Seria sonho subjetivo
Se o amor eu encontrasse
A minha vida sorriria
Novo cenário eu criaria
Se ao amor não desprezasse
(...)

Nesse poema notamos o uso frequente de algumas conjugações do verbo amar. A métrica do poema não segue uma lógica de rimas, presente no sistema que caracteriza a literatura de cordel. Por esse motivo ele diz escrever com liberdade, tornando assim o criar, mais importante do que o metrificar. Diante disso, esse novo estilo literário não é adequado para ser usado em cantorias de viola, em razão da estrutura não se adequar as necessidades de métrica e rimas.

Já foram vendidos mais de 150.000 (cento e cinquenta mil) livretos de neocordel. No ano de 2009, a Secretaria de Educação e Cultura do RN, Governo de Wilma de Faria, adquiriu cerca de 12.000 (doze mil) exemplares. Enfatizamos com esses dados, o reconhecimento dessa nova teoria como relevante para a educação e cultural do nosso estado.

Entre os temas utilizados podemos citar: drogas; bullying; ecologia; preconceito racial; pedofilia; fome; proteção e amor aos animais; crítica ao descaso com o português, idioma oficial do Brasil; política; desrespeito aos idosos; corrupção; violência contra mulheres; valores familiares; vida no campo; sertanejo; biografias; valores nordestinos; história; geografia; romantismo; etc.

Além de todos esses aspectos característicos dessa nova tese vale ressaltar o uso de capas coloridas nos folhetos, cujos layouts e diagramação moderna tornam os ainda mais atrativos

para o incentivo à leitura. João Batista enfatiza o fato de autografar todos os seus cordéis, para ele é uma marca registrada de sua teoria e simpatia.

Uns de seus cordéis que possuem esse estilo novo e podem ser citados aqui são: “A leitura abre as janelas do universo” e “Centenário Gonzagão... saudades do eterno rei do baião”, ambos são representações do estilo do neocordel, de suas características diferentes do livreto de cordel tradicional. Tendo nas capas a representações de cores e layouts que têm como objetivo prender a atenção do leitor e despertar a curiosidade.



O autor já viajou boa parte do Brasil realizando palestras em instituições públicas e privadas, visando divulgar sua hipótese. São cerca de 300 a 400 palestras ministradas por ano, que abrangem diversos níveis de escolaridades e faixas etárias. Cada cordel é vendido por 3,00 em eventos como esses. São Bienais, feiras literárias e de ciências e tecnologias. Como as bienais de São Paulo, Rio de Janeiro, Recife; e as feiras literárias de Paraty, Porto Alegre, Cientec, Mossoró, Caicó, João Pessoa e etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em consideração os aspectos defendidos e comentados durante o texto, reafirmamos a importância da preservação e registro de manifestações culturais e seus agentes comunicadores, poetas, cordelistas, músicos, mestres de capoeiras, violeiros, repentistas e tantos outros que continuam levando a cultura popular para os meios mais necessitados da sociedade.

Com isso, e após toda essa explicação sobre a teoria do neocordel, podemos entender o significado não só da palavra, como de todo contexto em que está envolvido essa nova tese. Ressaltamos assim, o alcance e importância desse agente folkcomunicação para preservação e disseminação da literatura oral, por meio de seus contos e folhetos que representam a cultura popular do Rio Grande do Norte. Contribuindo de forma assertiva para o ensino e estímulo da leitura em todas as faixas-etárias.

O papel de João Batista dentro do sistema folkcomunicação, como representante da cultura e de uma nova teoria que traz contemporaneidade para a literatura de cordel, amplamente conhecida nas camadas marginalizadas da sociedade, como interiores, comunidade rurais, vilas, assentamentos e tantos outros emissores da cultura popular nordestina.

Para concluir, a descoberta de uma nova teoria e a valorização dela são cruciais para a perpetuação cultural da literatura de cordel nas escolas, universidades e instituições de ensino de todo país. É necessário que a cultura seja levada aos mais diversos meios sociais. Podendo representar a voz do povo por meio dos belos versos de poetas populares.

REFERÊNCIAS

- GOMES, A. **A voz que vem de longe: o contador de histórias na formação do leitor**. Mossoró: Fundação Guimarães Duque, 2003.
- GOMES, A. (Org). **Além da Notícia**. Natal: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006.
- CASCUDO, L. C. **Literatura oral no Brasil**. 3.ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1984.
- ALMEIDA, F. L. **Pinote, o fracote e Janjão, o fortão**. 14. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Ed. Cortez, 1980.
- BELTRÃO, L. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UESP, 2004.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís A. Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1997.